

CORREIO DO VOUGA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51
—
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES
Editor—José Ferreira de Magalhães

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
—
PORTO

Não se devolvem originaes nem se accetta collaboração que não seja sollicitada.

CARTAS D'ALGURES

Meu amigo:

Annunciam os jornaes que será inaugurada, dentro em breves dias, o troço do caminho de ferro do Valle do Vouga de Aveiro a Agueda. Equivale isto a dizer, meu amigo, que, mais dia menos dia, a gente da nossa terra será alvoroçada por um acontecimento extranho e inedito para ella—o comboio a atravessar-lhe, irreverentemente, as hortas e vinhedos que herdou dos seus maiores.

A mim parece-me que já ouço silvar a locomotiva e sinto um desejo irresistivel de deixar tudo—occupações officiaes, divertimentos, trabalhos inadiaveis—e ir-me por ali fóra até á minha linda terra que, no dia 15, se as gazetas não andam a brincar commigo, estará em festa, mesmo sem se adornar com uma bandeirola, sem deitar talvez um fogueíte, mas porque toda a gente ha-de vir para a rua, como se fosse dia da Senhora das Neves ou de S. Sebastião.

Já estou a vêr o rapazio, a correr atraz do comboio, e como elle ha-de ficar triste, quando o perder de vista, sem esperança de lhe deitar a mão! E quantos velhos eu ouço já, soltando violentas imprecações e amaldiçoando o primeiro que inventou as machinas a vapor!

Bem os ouço dizer:

«Mas se ouo disseros e nós mesmo temos vivido sem isto como havemos de tolerar que venham agora os srs. francezes, dar-nos cabo das nossas propriedades, da nossa riqueza, d'aquillo que era toda a nossa alegria? Como temos vivido felizes na nossa pequenina terra, sem saber das desgraças que vão pelo mundo, não conhecendo senão a nossa familia e os nossos visinhos, não tendo ninguém que nos viesse importunar.

Rompia a manhã e já estavamos no campo, á vontade, sem cerimonia, em mangas de camisa, cantando, ralhando, rindo, sem nos incommodarem e sem incommodarmos ninguém! Mas, agora, quando mal o julgarmos, ha-de passar o comboio e dezenas e dezenas d'olhos de senhores da cidade estarão pregados em nós, cheios de curiosidade e de malicia, e quantas vezes as nossas barbas

brancas hão-de ser desrespeitadas por algum sr. fidalgo que não levará logo o correctivo porque vae de comboio...»

A indignação dos velhinhos da nossa terra é talvez justa. Não tive eu a felicidade de gosar, como elles, a vida simples, ingenua, quasi primitiva, da nossa aldeia. Não cheguei a conhecer e a commover-me com algumas almas puras, do quilate das que inspiraram o nosso encantador Julio Diniz.

Mal accordava para o mundo exterior, menino e moço ainda, e já me levavam para longas terras. A causa da minha levada sei-a agora da desgraça, a maldade e o vicio se me deparam, todos os dias, no caminho. Foi o mau signo em que nasci que não me deixou viver a vida adoravel da nossa aldeia e me empurrou para a cidade tumultuosa e cheia de crápula.

Adeus. Cá me fico a chorar a desdita de não poder ouvir, a valer, o silvo da locomotiva no dia da inauguração. Nem tudo corre á medida dos nossos desejos. Adeus.

Seu do coração,
A. B. C.

ASSUMPTOS LOCAES

Mais uma carta d'um nosso prezado conterraneo sobre assumptos de interesse local. Com todo o prazer a publicamos.

... Sr. Redactor:

Tenha paciencia, mas não resisto a encher-lhe mais meia columna do seu jornal. Vejo que vae grande incuria por parte de quem tem obrigação de olhar pelas coisas da nossa terra e não tenho genio para ficar callado.

Ora ahi está a razão por que de vez em quando o importuno. Importuno... talvez não diga bem, porque o seu jornal tem sempre as columnas francas para assumptos de interesse local e eu estou convencido de que realmente interessam á nossa terra as questões de que me tenho occupado e vou occupar.

Porque *agua mole em pedra dura tanto dá até que fura* cá estou eu novamente lembrar a necessidade urgente (mas ha quanto tempo ella é urgente!) de nomear o encarregado do posto do registo civil d'esta villa.

As razões da urgencia indi-

quei-as na minha ultima carta. Não será necessario repetil-as, mas não deixará de ser preciso chamar para ellas a attenção da commissão administrativa parochial a quem, em primeiro logar, compete tratar destes assumptos.

Espero... deferimento para esta pretensão que é do interesse de toda a população desta freguezia.

Entretanto, lembrarei tambem á mesma Commissão que o cemiterio mais parece um matagal do que a morada dos nossos queridos mortos que devia estar sempre asseada.

Custava tão pouco encarregar o coveiro de fazer a sua limpeza com regularidade. E quando o coveiro não quizesse ou não pudesse fazer esse serviço, ha tanto quem precisa ganhar dinheiro...

Mas, com franqueza, a Junta não terá verba para tal despeza que, aliás, deve ser insignificante?

Se assim é—longe vá o agoiro—o melhor será declarar-se fallida, e eu resigno-me e metto a viola no sacco.

Mas, quero acreditar-o, a incuria ha-de ser maior do que a miseria.

Mais uma lembrança á Commissão: o adro continua á espera de lhe completarem o muro. D'aqui a pouco, o trabalho feito está inutilizado, porque o rapazio não o poupa nas suas brincadeiras.

Antes de terminar uma pergunta apenas ao nosso verador: não será possivel completar o alargamento, principiado pela camara transacta, da estrada que vae da casa do sr. Avelino Figueiredo á Rua Avelino Dias de Figueiredo?

Era um bello serviço para esta freguezia e talvez com um bocadinho de boa vontade não seja difficil realisalo-o.

Esta terra tem direito a que os poderes publicos a attendam. Mas para ella ser attendida, é preciso que ella peça, inste e reclame.

No caso sujeito, compete pedir, instar e reclamar ao snr. verador. Creio que elle saberá cumprir o seu dever.

Muito obrigado, sr. Redactor e creia-me, etc.

Zé do Adro.

O murmurador é igual áquelles que assopram a terra; levantando a poeira a si proprios se cegam.

GAZETILHA

Tudo *apita*, tudo, tudo,
Neste mundo singular:
E seja alegre ou sisudo,
Equilibrado ou telhudo,
Todo o *typo* ha-de *apitar*.

Apita o rico por vezes,
A apitar sempre anda o pobre,
Apita quem tem revezes,
Apita o cura e freguezes,
Apita o plebeu e o nobre!

Apita a moça que dá
A mão de esposa a velhote!
Apita a mulher que é má
Que nem sempre um *gajo* está
Disposto a aparar o *bote!*

O pretendente infeliz
Que nunca logar obteve
A apitar fica—se diz—
E aquelle que *vende a gir*
Tem de *apitar* dentre em breve!

Quem compra sem precisão
Só pelo amor de comprar,
Dentro em pouco—verão—
Apparece a occasião
De ter tambem de *apitar*.

Rapaz que noiva com massa
Procura ardente na liça
Quer seja nova ou carcassa,
Apita embora sem graça,
Quando ella lhe dá *co'õ chixa!*

Lá por terras de Hespanha
Apita o Paiva Couceiro;
Apita, com grande sanha
O que na *taluda* apanha...
Fóra do bolso dinheiro!

No seu *pifre* ultra catita
O Zé do Monte animado
A *apitar* todo se agita:
E é sómente porque *apita*
Que certo *Costa* é fallado.

Apitam d'Eixo habitantes
Que q'riam no adro um jardim,
Pois tudo está como dantes
Quartel General, *Abrantes*,
Segundo tenho p'ra mim.

Apitam locomotivas
Por todo esse mundo alem,
Quer sobre as aguas movidas
Quer nas fabricas captivas!
E algumas *apitam* bem.

El-Vidalonga a *apitar*
Anda sempre d'algibeiras!
Portanto assim com *azar*
Como pôde elle *engendrar*
Gazetilhas prazenteiras?!

O *apitar* é tão geral
Que nas proprias estações
A sineta já não val';
O *apito* é que dá signal
P'rá partida dos wagões.

12-8.-911.

EL-VIDALONGA.

AS MINHAS CARTAS

XV

A mulher não pôde instruir nem educar—intitula-se assim uma obra-sinha que eu li outro dia.

Os titulos nem sempre correspondem á importancia das obras a que dão nome; mas este, que é sugestivo, não desmentiu o valor do livrosinho a que me refiro.

Não acho bem toda a sua doutrina, mas ousarei dizer que não foi escripta *à volée d'oiseau*.

Diz o auctor que a mulher não pôde educar, e muitas e valiosas razões adduz para demonstração do seu thema.

Não o seguirei nas affirmações que faz nem tão pouco nas citações de varios sabios, de que se utiliza, para confecção da sua obra; mas sempre digo que a mulher, segundo o grau de educação que, em geral, tem, não sabe educar. Não o pôde fazer porque lhe faltam elementos.

Ainda mesmo as mulheres de mais alta mentalidade, estão embuidas de principios, muitas vezes falsos, adquiridos uns por educação menos solida e outros devidos á grande e facil excitação do seu systema nervoso, bem differente do nosso.

Um principio que eu reputo falso e muito prejudicial é este, que eu li num «Manual de Civildade» escripto por uma mulher:—que os homens, fallando a senhoras, devem tornar a voz mais branda e mais affavel, para não as assustarem.

Isto, realmente, é lindo! O homem contrafaz-se; e, contrafazendo-se, faz-se *maricas* e hypocrita ao mesmo tempo.

O livro é do tempo em que se pensava já em *effeminar* o homem, e a auctora talvez tivesse em vista, ao escreve-lo, concorrer para este fim.

D'outro modo não comprehendo.

O certo, porém, é que *le monde marche*, seguindo aquelle principio. Os homens, muitos d'elles, são *effeminados* já. E as mulheres, que tem promettedo *masculinizar-se*, continuarão a intrujar-nos e a ficar, eternamente, dentro do seu sexo, porque ellas sabem muito bem que a natureza não interfere em tão profunda transformação e que, por isso, nem o mais heroico esforço lhes valerá. Vão usando espartilho, para se tornarem mais delgadas, mais nervosas, (a elegancia sim, mas o *nervoso*...) e pondo arroz para amaciarem a cutis, etc.

O que causa pena são os homens a *macaquear* as damas:—fallando alambicadamente, interessando-se pelas modas, usando pulseira e espartilho, essencias, frizados e monoculo e...

E quê?

E instruindo-se:—lendo livros de litteratura por-typhographica, que se vendem descaradamente em toda a parte, e apprendendo a linguagem rascante do meretricio que soltam pelas ruas em *dó de peito*, em phrases do mais desbra-

gado cynismo que nunca se preocupa em baixar a voz.

Tal é a feição característica da civilização contemporânea das sociedades.

Progresso? Degenerescência. Depressão de caracter.

Paulo Stacio.

SECÇÃO LITTERARIA

UM NAMORO AO TELEPHONE

Imitação do inglez

(INEDITO)

—Estação Central, telephonista —insistia o sr. Polycarpo dos Anjos com vehemencia; ligue com Bemfica n.º 1061, faça favor—ajuntou como correcção delicada que lhe esquecera com a pressa.

Agarrando com a mão direita no receptor e apanhando com a esquerda o cigarro que lhe cahira na pressa, aspirou uma longa bafurada de fumo e ficou estupefacto de que os seus labios lhe tivessem dado a personificação animada de uma ventoinha em plena acção.

Era obvio que o cavalheiro Polycarpo dos Anjos, agente de cambios, morador em Belem, Praça de D. Fernando, estava extraordinariamente agitado.

—O quê? Perguntou elle, dando ideia de uma castanha a ferver. Pois quê... Não ha numero?... Não pôde ser. Espere, espere ahi, senhora. Não pôde ser, não pôde. i-o-6-1.

Eu não fallei em 7... Qual 7 nem meio 7. Julgar-se-ia que eu tinha a lingua de rodizio como os revolvers, ou coisa igualmente horrivel!—1061, e depressa, avie-se.

Seguiu-se uma pausa significativa durante a qual o senhor Polycarpo dos Anjos ia mordendo o seu cigarro com impaciencia, o que o reduziu a tal estado que teve de deitar fóra com repugnancia.

—Lêve o diabo o telephonista e a estação central, murmurou elle; mas resignando-se continuou. Está lá, está lá? Quem falla? Quem falla? E' o numero 1061, Bemfica. O ó ó... espere um minuto por quem é... um minuto apenas.

Agarrou-se ao segundo receptor tremulamente, preparou-o e empinou-se firmemente sobre os pés, com os cotovellos na caixa do telephone.

—Está lá?... está? lá perguntou o sr. Polycarpo com mais alguma serenidade.

—E' a menina Silveira, a menina Alda da Silveira de Bemfica?

A resposta, já se vê, só o sr. Polycarpo ouviu. A essa resposta replicou elle:

—Peço perdão, não ha engano no numero... 1061.

Preciso fallar a Sr.ª D. Anna da Silveira, Bemfica. Essa menina espera por mim, toque para lá, senhora telephonista, faça favor, de... 1061... Essa senhora está

talvez á minha espera. Então ainda não?... por quem é...

O quê... o quê... Eu sou o Polycarpo, o Polycarpo dos Anjos... Sim dos Anjos... Ella deve saber quem eu sou. Encontrámo-nos em Cascaes o mez passado e...

Fez-se agora de novo uma breve pausa. Depois... subitamente o sr. Polycarpo deu um pulo violento, deitou de novo a mão ao receptor e rompeu o fogo.

Ah, ah, eh, oh! E' V. Ex.ª realmente a menina Alda... a sr.ª D. Alda da Silveira? emendou elle, paralyzando-lhe uma visagem nervosa as feições a escalear. E' realmente a sr.ª D. Alda, a sr.ª D. Alda da Silveira?

Oh! que alegria! que jubilo, e ao mesmo tempo que allivio. Já julgava que V. Ex.ª estava ausente ou mudara de residencia ou não podia recordar-se de quem eu era.

Ai que alegria—oh que prazer, ha, ha, ha! agora já rio. Que susto que eu tive, mas tem graça, tem graça.—O quê, o quê?—Não. Era eu que estava rindo. As horas tem parecido seculos, não é assim? desde que nos separámos em Cascaes. Lembra-se? Nunca julguei que tres semanas durassem tanto tempo. Sim tres semanas, V. Ex.ª bem sabe, tres semanas tem decorrido desde que me vi obrigado a separar-me de V. Ex.ª em Cascaes. V. Ex.ª divertiu-se muito por lá? E ha tanto tempo sem sabermos um do outro! Que vergonha para mim. Mas eu não telephonei antes, porque V. Ex.ª me disse que ia fazer uma pequena excursão, e que só voltaria a Bemfica d'ahi a tres semanas.

En... então V. Ex.ª já está em casa ha mais d'uma semana?

—Ora essa!... E eu sem saber! Valha-me Deus! Então porque não telephonou mais cedo ou por que não me enviou um bilhetinho?

En... En... Ai que afflicção! Não percebo o que V. Ex.ª diz!

Oh... oh... oh!... Perdeu o meu endereço! Ai que catastrophe para mim! e o numero telephonico tambem... Valha-me Deus. Que força de infelicidade!

Mas não tem duvida. Tornarei a dar-lh'o agora. E ainda bem. Eu tambem tinha perdido o numero de V. Ex.ª; e não o perdi de todo por um prodigio de fortuna.

Polycarpo mudou de posição no peso do corpo e dos cotovellos e serenou as feições.

—E' verdade, continuou elle, sorrindo á lembrança, foi a sorte mais feliz possivel. Eu lhe conto. No dia seguinte áquelle em que regressi de Cascaes, deixei o bocado de papel onde V. Ex.ª escreveu o numero do seu telephone sobre a minha secretaria juntamente com um maço de cartas rasgadas e a minha velha criada Dorothea, que trata do meu quarto, como é muito acuada, deitou toda aquella papelada no barril do lixo.

Quando dei por isso, quasi que enlouqueci. Fui-me ao barril do

lixo, mexi e remexi tudo, mas não encontrava o que queria.

Ia já desistir desesperado, quando vislumbrei uma tirinha de papel cor de rosa, V. Ex.ª sabe, a tira d'um programma onde a menina escreveu. Custava muito a ler; mas fui buscar um espeto de pau e comecei a raspar o lixo com muito cuidado, até que enfim appareceram os algarismos do numero 1061 e eu sabia que era em Bemfica, porque a menina m'o tinha dito. Foi sorte ou não?

Se ambos tivessemos perdido o numero, nunca mais nos encontraríamos e isso seria medonho, monstruoso! só de pensar!... O quê... o quê?

Isso que v. ex.ª diz é muito li-songeiro para mim. Agora poder-nos-hemos encontrar, não é assim? A sua mamã diz que terá muito gosto em me receber? Eu tambem seria muito feliz por ir a casa de v. ex.ª se m'o permitisse.

O quê? Sua mamã está doente? Que pena! Sinto enormemente que ella esteja incommodada; mas poderemos ir tomar chá a um café ou a uma cervejaria.

Levarei na minha companhia minha irmã casada... ella terá muito prazer em conhecer a v. ex.ª.

Oh! oh! sr.ª telephonista não me corte nesta occasião. Está lá, está lá?

Ai que allivio! V. ex.ª ia dizendo que...

(Continua)

Oliveira Parreira.

NOTICIARIO

Exames — Fez exame do 2.º grau, no Porto, obtendo uma bella classificação, a menina Palmira Vidal, filha do nosso distincto collaborador sr. Angelo Vidal.

—Tambem obteve passagem pela média da 4.ª para a 5.ª classe dos lyceus o filho mais velho deste nosso querido amigo, sr. Angelo Vidal Junior.

Os nossos affectuosos cumprimentos ao sr. Vidal e aos seus filhos.

Aggressão — No dia 6 do corrente, foi o sr. Antonio Martins das Bichas, do visinho logar de Horta, aggreddo cobardemente por um meliante que não foi possivel prender nem sequer conhecer. Ao sr. Antonio Martins, que ficou muito maltratado, desejamos rapidas melhoras.

Anniversario luctuoso — Passou no dia 10 o primeiro anniversario do fallecimento da sr.ª D. Estephania da Rocha Lucas, esposa do nosso presado

—Eil-os! exclamou. Eil-os, os que me hão-de salvar!

E' solto uma gargalhada dilacerante, diabolica. Tirou da cinta uma faca de matto, dirigindo-se, pé ante pé, ao quarto de seu pae... O velho dormia um d'aquelles sonhos pesados, que na idade madura succedem ás grandes desgraças: o tal sonho de Napoleão depois da batalha de Waterloo!

Quem sabe,—pobre velho! se estaria n'esse instante sonhando com a alma da defuncta, e se a imaginação o ia conduzindo até ao periodo virente dos seus amores?

Ricardo olhou tudo em redor de si, e teve medo: medo de estar só.

Mas, a resolução veio subita. O parricida ergueu o braço, e enterrou a faca de matto na garganta do ancião.

do amigo sr. dr. Antonio Lucas e filha do nosso illustre conterraneo sr. Tenente Coronel David Rocha.

A familia da saudosissima extincta, querendo commemorar aquella luctuosa data, mandou resar uma missa a que assistiram muitas pessoas.

Festa da Graça — Completando a noticia que no ultimo numero demos apressadamente sobre esta festividade, informamos os nossos presados conterraneos que estão ausentes e a ella assistiram apenas em pensamento, de que, no domingo á noite, houve arraial, tocando as philarmonicas, de Canellas e S. João (a Nova) até ás duas horas da madrugada.

Foi uma bella noitada. A concorrência de forasteiros era enorme, notando-se em todos um ar de satisfação e de bem estar. Antes assim, porque muito são de agradecer alguns momentos de alegria nesta eternidade de tristezas.

De resto, quem não havia de sentir-se bem, ouvindo as lindas vozes das nossas tricanas que organisaram danças, aqui e alli, e não se cançavam de bailar e de cantar?

Mas deixemo-nos de commentarios, e completemos a noticia.

Na segunda-feira, á tarde, completou-se a brilhante festividade com corridas de bicycletes e burros, no Largo da Senhora da Graça, fazendo-se ouvir, com agrado e aplauso da assistencia, a charanga do nosso conterraneo Magro que, sem favor, não fica a dever nada á de Frossos.

Mais uma vez felicitamos o juiz e mordomos da festa.

Transferencia—Foi transferida para Branca (Albergaria-a-Velha) a sr.ª D. Esther de Figueiredo Vieira, digna professora official em Frossos. Cumprimentamos s. ex.ª e felicitamos os habitantes de Branca, pois vão ter na sr.ª D. Esther Vieira uma bella educadora dos seus filhos.

Falta de espaço — Por este motivo, não publicamos hoje os extractos das sessões da Constituinte da ultima semana. Fa-lo-hemos no proximo numero, embora mais resumidamente.

—Pelo mesmo notivo, e ainda porque chegaram tarde ao

campo. O aldeão pervertido deu o grito de emancipação do camponez. O aldeão das eglogas morreu com ellas, e a civilização deixou chegar a sua vara magica até á choupana e á eira. Outr'ora, onde acabaram os pastores e as pastoras, começaram os aldeões. Agora, onde acabaram os aldeões, isto é, os rusticos, principiaram os lavradores, livres, astutos e ambiciosos.

O mancebo meditara sobretudo na maneira de commetter o parricidio sem risco de o culparem. O quarto de Ricardo era tambem o do rendeiro: cada cama do seu lado. Ao sair do quarto de seu pae, as mãos do parricida iam ainda ensanguentadas; depois de se assegurar que o rendeiro dormia, agarrou-lhe a jaqueta estendida aos pés da cama e enxugou o sangue a sitios diversos d'ella,—mas que, ao

nosso poder, somos obrigados a deixar para o proximo numero algumas correspondencias, entre ellas a do nosso presado amigo e solicito correspondente em Lisboa sr. José Rodrigues Correia de Mello (Melicias) a quem pedimos desculpa.

Secção litteraria — O illustre publicista erudito professor do Lyceu «Camões», de Lisboa, sr. Oliveira Parreira, actualmente em serviço de exames no Porto, teve a gentileza de nos offerecer um bello conto, traduzido do inglez, cuja publicação iniciámos hoje na «Secção litteraria».

Agradecendo ao sr. Oliveira Parreira a sua captivante amabilidade, prestámos-lhe a homenagem do nosso respeito e da nossa admiração pelas suas altas qualidades de espirito e de caracter.

A AGUIA

—

Revista quinzenal illustrada

de litteratura e critica

Sae a 1 e 15 de cada mez e só publica inéditos.

Cada numero, 50 réis

D'ALÉM-MAR

Manaus, 23-7-911

Correram animadissimas as festas realisadas em honra da passagem memoravel do dia 14 de Julho. Os navios de guerra e mercantes surtos no porto embandeiraram em arco dando aquelles, juntamente com os parques de artilharia de terra, as saivas do estylo pertencentes ás grandes festas nacionaes. O Gremio Familiar Amazonense, offereceu um pic nic no Bosque Municipal aos seus consocios, seguindo-se varios torneios entre os quaes fez grande successo o de algumas gentis senhoritas da nossa sociedade disputarem o premio do tiro ao alvo.

De tarde houve parada militar composta d'uma brigada mixta cujos elementos pertenciam ás forças federaes aqui aquarteladas, linha do tiro n.º 10 e alumnos do Gimmasio Amazonense. Realizou-se na Praça da Saude e a ella compareceram para cima de 5 mil pessoas. O entusiasmo por todo o dia foi indiscriptivel.

Sinto-me satisfeito por ver que este povó que eu julgava mais monarchista que o saudoso D. Pedro II saudasse com fremitos d'um entusiasmo poucas vezes visto, o dia em que foram consagrados Os Direitos do Homem, com a der-

UMA RECITA

DO

"ROBERTO DO DIABO"

(CONTINUAÇÃO)

—Oh noite! exclamou Ricardo. Porque não é negro o teu manto, e porque o vejo bordado de tão esplendidas saphiras? Parece que a natureza não quer hoje dormir! Dez annos da minha vida, por uma noite escura!

E, acaso, providencia, ou fatalidade,—a noite escureceu.

O vento, que soprou por instantes rijo e desenfreado, aquietou-se de repente. As nuvens aglomera-

ram-se carregadas e sombrias. A solidão era completa. A noite ia tão escura que nem se divisavam ao cabo da estrada as sombras alvadias das casinhas da aldeia.

O lavrador sustentava em casa sua velha mulher, seus filhos Ricardo e Joanna, e um antigo rendeiro, homem de boas contas e de vida santa, quasi tão velho na casa como qualquer das paredes d'ella. A mulher do lavrador morrêra, Joanna ausentára-se: a casa n'esta noite ia estar habitada apenas pelo lavrador, Ricardo e o rendeiro.

O mancebo esperou que todos em casa dormissem; depois, levantou um dos tijolos da parede e encontrou o que alli guardára:—um punhado de cabellos. Foi feroz então, foi formidavel de atrocidade, a expressão que lhe tomou o semblante.

rocada d'essa panthera que tantas victimas digeriu e se chamou Bastilha e em que nos apparece em todo o esplendor a figura d'essa grande vicima das suas proprias ideias — Camillo Desmoulins!

Salvé 6 14 de Julho! data memoravel em que um povo conscio dos seus direitos e regalias, atirou para longe com o pesado fardo do despotismo e da tyrannia! Salvé!

No principio do presente mez começou a publicar-se n'esta cidade, mais um diario vespertino. Traz no cabeçalho o titulo de «Jornal Pequeno», não sendo o jornal de Pequeno sendo-o ao mesmo tempo de toda a gente. Politicamente defende o governo actual, procedendo nesse ponto correctamente.

Traz bons e bem redigidos artigos que muito honram a pena que os escreve.

Vida longa e prosperidades innumeradas é o que lhe auguramos.

Tem feito e continua fazendo extraordinario successo a companhia que occupa actualmente a nossa primeira casa de espectaculos e dirigida pelo empresario Miranda.

Faz hoje trez annos de util governo á sua terra natal, o honesto governador Antonio Bittencourt. Grandes festas se projectam, segundo o programma já publicado.

Na proxima carta fallarei mais demoradamente sobre o assumpto.

Está annunciada para amanhã uma reunião do commercio em geral, para se tratarem d'assumptos d'alta importancia. Como não quero desperdicar o acontecimento nada digo por enquanto sobre o fim da reunião. Fa-lo-hei na subsequente carta.

Seguem no vapor que esta conduz, o ex.^{ma} sr.^a D. Ermelinda Jesus da Fonseca, esposa do abastado proprietario e capitalista de Goujuim sr. José da Fonseca Fraga. Acompanham-na suas gentis filhas Maria e Emilia da Fonseca, assim como seu digno filho Justiniano da Fonseca Fraga.

Boa viagem é o que sinceramente lhe desejamos.

E, por hoje, basta de massada.

Manoel Vicente da Cruz (Zurc).

A Deshonra

ROMANCE POR

D. João de Castro

A Corte de Junot em Portugal

Historia Nacional por

Rocha Martins

rendeiro, não fossem facéis de observar, quando, de madrugada, descuidosamente a vestisse!

E, é esta a fatalidade! — os cabellos que o assassinado tinha n'uma das mãos, como arraneados ao assassino no furor da luta, eram do rendeiro! — porque Ricardo havia tido durante os ultimos tempos o cuidado de guardar todos os cabellos, que encontrava no pente de que o rendeiro se servia, quando se penteava.

V

A orchestra interrompen-nos.

Quem é que não estremece aos primeiros accordes da introdução do terceiro acto do *Roberto*? A musica ri de uma forma lugubre: as rabecas parecem arremedar o delirio, as imagens extravagantes, e as allucinações da febre, de uma

NOTICIAS PESSOAES

Estadas

De visita á sua ex.^{ma} familia, encontra-se entre nós, os nossos presados amigos srs. Dr. Orlando de Mello Rego e esposa, e Orlão de Mello do Rego, esposa e filhinhos.

— Tambem aqui está, com sua esposa, o sr. Augusto Ribeiro.

— De visita ao seu tio e nosso amigo, sr. Abel Santos, encontram-se aqui os srs. Manuel e José Coelho de Magalhães.

— Com a sua esposa e filhos está na Curia o nosso amigo e conterraneo sr. Augusto Gonçalves Fernandes, considerado commerciante em Pernambuco (Brasil).

— Encontra-se, entre nós, o sr. Alexandre Fernandes, digno commerciante em Lisboa.

— De visita á sua familia, esteve aqui, ha dias retirando já para o Porto, o nosso amigo sr. João Baptista Pereira Saldanha, digno empregado da Contrastaria d'aquella cidade.

— De visita á sua familia está entre nós o sr. Evangelista Delgado, digno empregado do nosso amigo sr. Antonio do Carmo Magalhães, bemquisto commerciante no Barreiro (Lisboa).

— Está, entre nós, a sr.^a D. Guilhermina Vidal, esposa do nosso amigo e collaborador sr. Angelo Vidal.

— Esuveram no sabbado, no Porto, os nossos conterraneos srs. Antonio Simões da Silva, João Nunes de Carvalho e Silva Junior e Manuel Maria Nunes Morgado.

Partidas e chegadas

Regressou de Lisboa, onde esteve de visita a seus filhos, a sr.^a D. Ismena do Rego.

— Seguiram para Faro os nossos presados conterraneos srs. Tenente Coronel David Rocha e José Liborio Ferreira.

— Depois de se ter demorado aqui alguns dias, onde veio acompanhar as suas gentilissimas manas, regressou a Lisboa o nosso presado conterraneo e amigo sr. Ermelindo Saldanha.

— Acompanhado de sua esposa, regressou de Entre-os-Rios o nosso conterraneo sr. José Maria Soares Pereira.

— Com a sua esposa, seguiu para Cascaes o nosso amigo e conterraneo sr. Manuel Rodrigues Feteiro, que vae administrar a Quinta da Charneca pertencente ao sr. Conde de Moser.

Délivrance

Deu á luz uma galante e robusta creança do sexo masculino a sr.^a D. Julia Costa, carinhosa esposa do nosso amigo e conterraneo sr. Paulo Ferreira da Costa.

— Tambem deu á luz uma gentil creança do sexo feminino a esposa do sr. Manoel Pinto da Gama e Sousa que vive ha alguns annos nesta villa onde tem officina de tanoaria.

noite de Sabbath! Lembra a praia arida e sinistra, em que palpitam ao vento magros arbustos enquantos as bruxas horrorosas, descarnadas, de sexo indeciso e duvidoso, dançam mysteriosamente em redor de Macbeth, e atiram á sua alma esta maxima: — «O bello é horrivel, o horrivel é bello!»

A historia do homem pequenino e esta musica de uma ironia lugubre, produzia-me o effeito do sonho obscuro de uma alma perdida, um pesadelo no infinito, uma noite do inferno!

A villa representa os rochedos de Santa Irena, paisagem sombria e montanhosa. Vêm-se as ruinas de um templo antigo, e a entrada para uns subterraneos. Uma cruz de pau está no meio da estrada.

Bertran não é propriamente o diabo; isto é, não tem a honra de

Curiosidades

A primeira representação theatral em Portugal

Gil Vicente foi o introductor das representações em Portugal, das quaes elle era o compositor; bem como o era da musica, das folias e cantigas, que introduzia nas mesmas composições.

Gil Vicente juntava ao talento de auctor o de actor, pois que era elle proprio quem desempenhava os papeis mais importantes das peças que compunha.

E' bastante curiosa a circumstancia que se deu, para que em Portugal se effectuasse a primeira representação theatral.

Por occasião da rainha D. Maria, segunda mulher de el-rei D. Manuel dar á luz, o principe D. João, depois o 3.^o rei d'este nome em Portugal; e em a noite seguinte á do nascimento do referido principe, foi visitada pelo poeta Gil Vicente, que se apresentou vestido de vaqueiro.

Achavam-se então presentes, el-rei D. Manuel, a rainha Beatriz, sua mãe, e a duquesa de Bragança.

Gil Vicente, dirigindo-se á rainha, felicitou-a pelo nascimento do principe, herdeiro da coroa, recitando umas trovas castelhanas, e terminadas que foram entraram e uns individuos trajando a pastora, os quaes apresentaram diversos mimos ao principe recém-nascido.

Agradou a todos este género de diversão, especialmente á rainha que rogou a Gil Vicente, para que lhe repetisse aquelles versos na noite de Natal, adequando-os ao nascimento do Redemptor; ao que o poeta annui de bom grado; e afim de que o assumpto da composição fosse apropriado ao intento, escreveu então o «Auto pastoril castelhano», que com effeito se representou na noite de Natal, conforme os desejos da rainha D. Beatriz.

Portanto, foi em 1502, anno em que nasceu o principe D. João, que se effectuou em Portugal a primeira representação, iniciativa de Gil Vicente.

Barbeiros chins

Em todas as cidades do celeste imperio andam os barbeiros pelas ruas, tocando um campaninha, para que os freguezes saibam que vão passando. Trazem consigo um balcho, uma bacía de barba, uma toalha, um púcarinho com agua quente e uma especie de fogareiro para lhe conservar sempre o mesmo calor.

Assim que são chamados, põem o banco no sitio da rua que mais commodo lhes parece ensaboam a cabeça do freguez, limpam os ouvidos, pintam as sobrancelhas, fazem a barba e escovam o fato, tudo isto por uma moeda de cobre, que não vale mais do que dez reis. Não pôde haver nada mais barato.

ser o rei dos anjos cahidos: é um diabo subalterno, um diabo inferior, um diabo de segunda qualidade, um pobre diabo! A licença com que veiu á terra expira n'esse dia; dentro em poucas horas tem de abandonar o filho e voltar ás trevas e ás chamas, ao fogo e á escuridão, á alegria infernal e á dôr maldita! Ouve-se o côro dos demonios, que diz: «Celebremos as festas do sombrio imperio! E' preciso esquecer o céu!...» E Bertran recorda-se n'essa hora, com saudade, dos dias que passou na terra, rapidos instantes de felicidade, de alegria, de amor, quando elle amava a condessa e era amado por ella. Os diabos teem ás vezes coração, e a saudade é o seu maior martyrio. Deve ser uma sensação excentrica, a de se recordar, uma alma maldita, das terrestres situações, e ter saudades

Leituras amenas

Contam os jornaes que o parcho de uma freguezia do Mogadouro declarou aos seus parochianos que os filhos das pessoas casadas civilmente sahem doidos ou aleijados.

Assustavam-se as mulheres e um pandego tratou de investigar se os paes do reverendo teriam sido casados pelo registo civil.

Buscou, rebuscou e não foi possivel encontrar nada a tal respeito.

Parece porém que não deram o nó nem pelo civil nem pelo religioso.

No ultimo domingo logo de manhã um policia civico encontrou o Melchiades sapateiro, cahido na rua com uma enorme *perúa*.

Puchou por elle e nada.

O maldito roncava como um trombone.

— O' homem acorde, berrou o policia já zangado.

— Deixe-me dormir, respondeu o Melchiades. Estou no descanço semanal!

Diz-se que as casas de vinhos não podem vender a copo ao domingo para reprimir a embriaguez e civilisar o povo.

Essa civilisação... domingueira é de cabo de esquadra!

Mas ó velhinhos então a cerveja não embriaga tambem e quem beber um caldo e aticar-lhe dois litros não fica avariado?

Que grandes chuchadores!

Dizem de Inglaterra que o fugido ex-rei D. Manuel tem um diario em que escreve desde creança e que já consta de vinte volumes.

Que rico folhetim cá para o *Correio do Vouga* se o ex-reisinho nos dêsse a honra de nos mandar a obra!

Não tinha trabalho a rever e a coisa sahia perfeitamente porque cá se punha a direito visto que, modestia á parte, ha aqui quem saiba grammatica.

INSTRUÇÃO PRIMARIA

Rudimentos de Sciencias Naturaes, conformes os programma de 1902

POR

ALVARO M. MACHADO

Bacharel formado em Philosophia e Medicina pela Universidade e professor effetivo do Lyceu D. Manuel II

E

A. A. FLORES LOUREIRO

Medico cirurgião pela Escola Medica do Porto e professor interino do mesmo lyceu.

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

no inferno das noites do theatro lyrico, em que um oculo branco se lhe fixava, e a alva e delicada mão de uma senhora da sociedade tirava do *bouquet* uma flor para lhe enviar! Que lembranças não terão aquelles pobres condemnados, das festas e prazeres da terra, dos carinhos e amores, dos devaneios e triumphos da existencia humana! E se é verdade que o amor traz o erro e o crime, não deve o inferno estar cheio dos que amaram n'este mundo?

A anciedade de Bertran é uma coisa de que não ha memoria; horrivel e desesperada anciedade de um paé, que só não terá de separar-se do filho, se o levar consigo para o reino doloroso, onde a esperança morre ao entrar! Viver insensível é o tormento d'esses desgraçados. Não amar, não poderem

REGISTO BIBLIOGRAPHICO

DA

Livraria Central de Gomes de Carvalho

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

Album das glorias: Homens de Estado, poetas, jornalistas, dramaturgos, actores, politicos-pintores, medicos, industriaes, typos, etc. Texto de João Rias, to e João de Ribalme (Guilherme d'Azevedo e Ramalho Ortigão). Desenhos de Raphael Bordalo Pinheiro, lithographias de Justino Guedes. Tudo que publicou, 2\$500 réis.

(D'ocasião)

Amores novos. Versos por Henrique Trindade Coelho. 1 vol., 400 réis.

Amorosas. Dez contos, em prosa, de Rabelais (Alfredo Gallis). 1 vol., 600 réis.

Anna Karénine, par Léon Tolstoi. Introduction par Emile Faguet, de l'Académie française. 2 vol. illustr., rel. 600 réis.

Breves noções do Espiritismo e dos seus principios e ensinios. Coordenadas e editadas pela Redacção da Revista Psychica «A Luz da Verdade». 1 vol., 250 réis.

Cancion de Cuna. Comedia em dos actos, por G. Martinez Sierra. 1 vol., 700 réis.

O LUXO

CHRONICA DE LISBOA

Novo e sensacional romance do mesmo auctor de

OS TRISTES

e, como este, livro de critica, livro para recreio e para estudo, d'um realismo interessante.

O suggestivo titulo com que elle será apresentado, dispensa referencias á sua indole: o justo renome do sr. Barros Lobo é uma garantia do seu merecimento.

amar, não amarem nunca; tal é o seu destino; tal é o inferno! Mas no coração de Bertran o arrependimento pareceu nascer, e Deus na sua bondade, ou na sua vingança talvez, permittiu-lhe que amasse... Desde esse dia cruel, a sua alma sentiu apenas por esse Roberto os receios, a felicidade, os tormentos da terra: o filho tornou-se para elle vida e ser. Agora, porém, a meia noite vae chegar, e a sorte de ambos depende apenas de Roberto aceitar o pacto immutavel, que roube a sua alma a Deus!...

(Continúa)

JULIO CESAR MACHADO,

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS ESCOLAS PRIMARIAS

(Ilustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, ontendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.^a e 5.^a classes, por Angelo Vidal.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Praia, 160, LISBOA.



ANGELO VIDAL

A B C ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variadissimos de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguém disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

VIEIRA DA COSTA

OS TRISTES

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.^a edição—Brochado 60—Cart 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A accitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:— Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão—27300 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garçon. 1 vol. 200.

O que é a religião? Traducção de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Traducção de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete oferecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.^a edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol, 100

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.^a edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em fórma clara e attrahente dos dados positivos fornecidos pel sciencia moderna sobre a genése cohesão das religiões especialment da chistã, projectando uma lua nov sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual fôr a sua opinião e a sua crença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuvas

Preço 500 réis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.—32 paginas—50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfatiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.^o volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeracção seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; e estas, «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

À venda em todas as Livrarias

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administracção:

R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Portugal—anno	18200
« —semestre	600
Africa —anno	18500
Brazil —anno—(moeda forte) .	28200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha. . .	10 reis
Communicados, cada linha. . .	20 "
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento. —	—
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.	—

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administracção—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Com. Int.

4.^o ANNO—N.^o 31